# B O L A  N A  T R A V E  N Ã O  A L T E R A  O  P L A C A R

por

Érika Gimenes Alvarenga Domingues

(Aluna do Curso de Comunicação Social)

Monografia apresentada à Banca Examinadora na disciplina Projetos Experimentais. Orientador Acadêmico: Prof. Márcio de Oliveira Guerra.

UFJF FACOM 1.sem.2002.

A meus pais,
por não terem tornado tudo tão
fácil. No difícil aprendi a ser
melhor.

Aos meus irmãos,
que me ensinaram a dividir e a
prezar as amizades.

À madrinha, às tias, aos tios,
aos primos...porque vocês acre-
ditam em mim sei que é preciso
ir em frente.

Ao Tairone, pelo companheirismo
e à Elma, pela proteção.

Aos mestres,
Sisneiro, Nilde e Márcio, que me
moldaram e me deram suas amiza-
des.

À Érika e Marcelle,
o que falta em mim se completa
em vocês.

S I N O P S E

Estudo da linguagem diferenciada das matérias do jornalismo esportivo e dos limites do repórter. Análise dos elementos da boa reportagem esportiva na TV.

S U M Á R I O

1. INTRODUÇÃO

2. BOLA NA ÁREA SEM NINGUÉM PRA CABECEAR

2.1. **A herança do rádio**

2.2. **Os primeiros anos do esporte na TV**

3. BOLA NA REDE PRA FAZER O GOL

3.1. **A descontração atraindo o público**

3.2. **A subversão do exercício jornalístico**

4. QUEM NÃO SONHOU EM SER UM JOGADOR DE FUTEBOL

4.1. **Bola dentro X Bola fora**

4.2. **Quando é espetacular**

5. CONCLUSÃO

6. BIBLIOGRAFIA

O que importa se uma estrela já está morta,
se ela brilha no fundo dessa noite e de
nossos confusos sonhos?
O que passou é apenas o prólogo.

WILLIAM SHAKESPEARE

# 1. INTRODUÇÃO

A editoria de esportes pode ser considerada uma das mais informais do mundo jornalístico. Seu público tem um alto nível de exigência, já que está acostumado a linguagem específica do meio e em geral conhece fatos históricos que envolvem às modalidades preferidas.

Esse segmento que acompanha o jornalismo esportivo na TV e os exageros que se cometem em nome dessa linguagem mais "solta" da editoria é que motivam esse trabalho. O interesse pela poesia ou os absurdos contidos nas reportagens televisivas, a beleza do casamento de imagens e um bom texto serviram de incentivo para a elaboração dessa pesquisa. A própria falta de material sobre o tema para uma avaliação da boa reportagem esportiva na TV também se uniram a simpatia pelo assunto escolhido.

Ainda que alguns críticos argumentem que o esporte não altera o dia-a-dia dos espectadores, não influencia diretamente na realidade do país, como outras editorias (economia e política, por exemplo), o futebol atrai a atenção de milhares de pessoas há anos e já é encarado por muitos estudiosos como uma manifestação sociológica do Brasil.

O esporte acaba criando, segundo alguns antropólogos, identidades e grupos sociais; um sentimento de proximidade mesmo entre pessoas de realidades sociais diferentes. A falta de distinções de raça, etnia, nacionalidade ou classe social e a imprevisibilidade de resultados atraem multidões.

Dados do IBGE mostram que o futebol e o cinema são as preferências nacionais em matéria de diversão fora de casa.

É pelo futebol que se evidencia um jornalismo esportivo consolidado do ponto de vista tanto da maturidade técnica quanto do interesse mercadológico.

Nesse trabalho vai ser avaliada a diferença de linguagem dessa editoria jornalística, centrando a análise nas reportagens exibidas na TV, onde fica mais fácil evidenciar as diferenciações.

Vão ser observados os elementos que constituem uma boa matéria esportiva e as distorções cometidas em nome da liberdade de estilo.

A expectativa é de que com esse detalhamento seja mais fácil delimitar parâmetros para a construção do jornalismo esportivo, ajudando os repórteres da editoria com exemplos mais precisos que os norteiem.

É feito um resgate do jornalismo esportivo no rádio porque a TV herdou muitos profissionais e muito da própria

construção jornalística desse veículo. A partir daí é avaliado o início da programação esportiva na televisão para perceber as influências que sofrem as matérias exibidas hoje.

Foi observada essa diferenciação da linguagem do jornalismo esportivo e os elementos que alteram essa concepção formal da reportagem quando o tema das matérias é o esporte. Também são vistos os exageros cometidos em nome da espetacularização e de benefícios para as empresas jornalísticas ou para os próprios jornalistas.

E por fim, foram avaliados os erros mais comuns a que estão sujeitos os repórteres que não controlam a essa liberdade estilística que tem a editoria. É feita, ainda, uma análise de caso com matérias que servem para evidenciar tudo o que foi dito.

## 2. BOLA NA ÁREA SEM NINGUÉM PRA CABECEAR

Por que o jornalismo esportivo na TV tem esse caráter diferenciado?

Onde nasceu esse espírito lírico e cômico que se observa em algumas matérias?

O início dessa busca por respostas começa aqui na avaliação do que foi deixado como legado pelo rádio e como eram os primeiros programas de esportes na TV.

### 2.1. **A herança do rádio**

O futebol chegou oficialmente ao Brasil em 1894 com o filho de um cônsul inglês, Charles Miller. No começo, o esporte era praticado apenas pela elite. O futebol era voltado à uma aristocracia que usava termos em inglês para denominar jogadas.

Os primeiros clubes do país impunham critérios de cor e classe. Mas uma história paralela se construiu na periferia, onde representantes das camadas populares e pertencentes à diferentes raças, participavam juntos das partidas.

A Copa de 1950, no Maracanã, é considerada a consolidação do Brasil como “país do futebol”. Mas a massificação do

esporte aconteceu com a união do futebol com o rádio na década anterior. Os torcedores fizeram o hábito de levar radinhos aos estádios.

O uso da linguagem radiofônica acabou sendo fundamental para o jornalismo esportivo. Os profissionais criavam uma identificação com o público através de gírias, metáforas e sons que anunciavam os gols, o intervalo e destacavam todos os momentos importantes das partidas.

No início o jornalismo esportivo era visto como um subescalão da profissão jornalística. Uma editoria para recém-formados. O rádio, bem-humorado, expressivo, foi o primeiro veículo a enxergar todas as possibilidades do futebol. Muito da informalidade da editoria de esportes é ainda herança das narrações esportivas que começaram a se popularizar no rádio depois dos anos 50.

A medida que foram surgindo os grandes locutores e os cronistas, como Ary Barroso e Nélson Rodrigues, o fazer jornalístico do esporte foi se distanciando de algumas regras impostas ao jornalismo diário e ganhando maior maleabilidade para contar os fatos e fazer entrevistas. Com crescimento da popularidade do futebol entre as massas, a imprensa começou a assumir um papel decisivo nesse processo. “De certa forma, a imprensa sempre esteve presente na história do futebol, apos-

tando em um público que mitifica ídolos” (COSTA, A. 2001: p.20).

É em 1930 que começa o interesse do rádio pelo futebol, mas esse namoro se limitava apenas às informações sobre o resultado durante a programação normal. Em 1931, Nicolau Tuma, vira precursor de toda uma nova era, transformando o jogo em espetáculo, com uma narração que ia além da descrição de imagens.

No começo das transmissões, não havia nem comentaristas, nem repórteres de campo. Mas a Rádio Pan-americana , atual Jovem Pan, primeira a se especializar em esportes, trouxe novidades como a colocação de um comentarista de arbitragem, o plantão esportivo e a criação de um departamento de esportes.

Uma das maiores invenções foi exatamente o repórter de campo. Antes apenas um locutor presente no gramado narrava escanteios. Já o comentarista surgiu em 1940 substituindo as músicas que eram tocadas nos intervalos.

Assim como as telenovelas e os programas de auditório, boa parte da estrutura montada em torno das transmissões esportivas foi adaptada e copiada pela televisão e os primeiros narradores das partidas exibidas na TV, seguindo também o caminho de muitos repórteres e apresentadores de telejornais,

eram profissionais que durante anos trabalharam no rádio. Por isso, a linguagem, mesmo se tratando de meios diferentes, acabou sendo bem parecida.

A principal distinção, segundo críticos e estudiosos do esporte, está no apelo emocional muito mais forte, que tem o rádio. Nesse veículo a emoção é bem mais trabalhada, já que o locutor tem que traduzir imagens e os sentimentos de tensão causados pelas jogadas perigosas. Em outra esfera, o ouvinte pode criar as partidas em sua mente com uma força maior do que têm na realidade.

A necessidade de apelar para o imaginário popular obrigou os radialistas a buscarem recursos e termos pouco comuns ao jornalismo. Foi permitida uma "licença poética" aos repórteres esportivos do rádio, para que o torcedor conseguisse perceber apenas pela transcrição na voz do locutor, todas as emoções da partida.

Essa mudança na linguagem foi herdada por outros meios de comunicação como um símbolo do jornalismo esportivo e como sinal de identificação com o público. Mas com a chegada da TV e com a exibição da imagem, fatores imprescindíveis no rádio passaram a ser excessivos no novo veículo.

Mesmo quem nunca trabalhou nas rádios, tem como padrão a transmissão radiofônica. Um vício vindo desse meio de comuni-

cação é muito observado entre os profissionais de TV: é comum que os narradores expressem uma emoção durante algumas jogadas da partida, que o torcedor não consegue sentir ao observar a imagem.

Ver o futebol sem a magia das narrações e com o realismo da TV não chegou a afastar o brasileiro da novidade. No entanto, trouxe um desapontamento e um índice de exigência muito alto para os telespectadores das partidas. Era preciso substituir esse lado lírico do rádio por algum produto adicional.

Os produtores começaram a buscar uma identificação do público com esse novo produto e foram sendo criadas formas de adaptar sucessos radiofônicos ao estilo e necessidades técnicas da televisão.

## 2.1. **Os primeiros anos do esporte na TV**

Orlando Duarte inventou um bordão que fazia um trocadilho com o nome da emissora em que trabalhava e refletia a tentativa de emplacar o esporte na TV como tema jornalístico e assunto digno de ter espaço consagrado: "Esporte também é Cultura", dizia ele. E na TV Cultura começou ser construída a história do esporte na televisão.

No início a ênfase era para modalidades ditas amadoras. "Fazíamos transmissões de tênis, automobilismo, vôlei...ainda lembro dos amistosos internacionais de futebol que transmitíamos ao vivo" diz Luís Noriega, pioneiro da equipe de esportes da emissora.

Os primeiros programas esportivos foram História do Esporte e É hora de esportes, da própria Cultura. O tema central era o futebol, até porque a emissora surgiu em 1970, o ano de preparação da seleção brasileira para o tricampeonato.

Incentivada pelo clima, a Cultura aproveitou ainda para abordar as vitórias e derrotas do Brasil no futebol em um programa de variedades. A Verdade de Cada Um entrevistou no mesmo ano o ex-técnico da seleção, Vicente Feola, que comentou o ainda recente fracasso da seleção brasileira no Mundial da Inglaterra em 66.

Antes que o futebol e os outros esportes ganhassem lugar de destaque e programas exclusivos a TV tratou de tentar reproduzir a boa audiência do rádio com as transmissões das partidas. Em 1955 acontece a primeira transmissão externa da televisão brasileira feita pela TV Record de São Paulo. Santos e Palmeiras, direto da Vila Belmiro, foram os times assistidos pelos brasileiros, ainda em preto e branco.

Apesar da resistência, já que o esporte, e principalmente o futebol, foram considerados temas menos nobres durante muitos anos, foi inevitável o avanço do jornalismo esportivo. Andréia Barros, em seu trabalho de conclusão de curso na Faculdade de Comunicação da UFJF, ressalta que a imprensa acaba usando o futebol como vedete.

Com o crescimento da TV como grande meio de comunicação de massa, e com as transmissões ao vivo das partidas, boa parte do público que antes estava ligado ao rádio e às crônicas migrou para a "telinha".

Quando surgiu o rádio muitos dirigentes temeram que as transmissões significassem o fim da ida aos estádios. O processo de apreensão se repetiu com a chegada das transmissões televisivas. Mas com o aparecimento das cotas pagas aos clubes a realidade se inverteu. Hoje muitos torcedores temem que o futebol passe a ser um esporte que tenha como principal função a exibição na TV e que cada vez mais tabelas e horários das partidas fiquem subordinados a esse novo incentivador do esporte.

Os jogos não acontecem mais nos horários em que é mais fácil levar a torcida aos estádios, mas estão submetidos aos intervalos na programação das emissoras.

Os anos 70 foram um marco para o jornalismo esportivo no Brasil. A Copa do Mundo, a cobertura pela televisão e a campanha do governo ditatorial, associando vitórias ao sentimento de superioridade nacional, atraíram telespectadores.

Passou a ser necessário ouvir as narrações, ver os dados trazidos pelos repórteres de campo, assim como observar por ângulos diversos uma mesma jogada e confirmar através do replay a marcação de uma falta, pênalti ou impedimento.

De acordo com o professor Márcio Guerra, em Você, ouvinte é nossa meta, justamente pela dificuldade que a TV tem de transmitir a partida sem ser repetitiva, já que as imagens reforçam o lance, é que surgiu como recurso auxiliar o uso de dados, de informações adicionais que consigam suprir o que se perde em imaginação e detalhes.

Num país de 170 milhões de técnicos não demoraram a surgir também as mesas-redondas, fenômeno que começou em 70 com o programa Futebol é com 11 da TV Gazeta. Uma fórmula que se caracterizou como sucesso de público, que tomou conta de quase todos os canais. Programas onde "entendidos" do futebol se reúnem para comentar campeonatos, discutir lances e, muitas vezes, defender seus times.

Em 1990 com a popularização das chamadas TV's fechadas (a cabo ou por assinatura) a televisão começa a se segmentar

para conquistar públicos específicos. Busca agradar pessoas interessadas em pagar para saber mais e durante muito mais tempo sobre seus assuntos preferidos. Nessa fase nascem os canais esportivos, consagrados hoje como principal motivador de assinaturas desse tipo de TV.

SPORTV , ESPN ... todos aprimorando ainda mais o esporte como um assunto jornalístico inesgotável.

## 3. BOLA NA REDE PARA FAZER O GOL

Avaliando as diferenças presentes na linguagem esportiva da TV é possível começar a compreender quais são os pontos a serem reforçados pelo bom repórter, bem como os problemas e deturpações de sentido mais freqüentes.

### 3.1. **A descontração atraindo o público**

O jornalismo esportivo tem características peculiares que ultrapassam a simples resposta do lead. "A imprensa esportiva nos permite usar subsídios literários (...) quase nunca possíveis em outras áreas do jornalismo" (COSTA, A. 2001: p.7). A mídia tem trabalhado na popularização dos esportes, emocionando o público e falando uma linguagem que já é familiar para as massas.

> O linguajar diferenciado do comunicador esportivo tem motivos vários, que vão desde a necessidade de fugir ao comum, imprimindo à expressão verbal um significado conotativo, até a incessante luta pela conquista de maior audiência (CARRANO, P. 1988: p.15).

Além dos fatos, a editoria de esporte expõem outros componentes. Mostra os bastidores, as curiosidades e as crises no futebol. "O futebol alimenta o imaginário do torcedor, que, por sua vez, se identifica com o jogador, o idolatra, criando dessa maneira o mito" (CAMARGO, V.1999: p.72).

Com a competição crescente entre as emissoras se tornou fator imprescindível a aposta numa linguagem e num modelo que pudessem atrair mais público. A descontração, os fatos que fogem ao cotidiano, passaram a ser imãs para realizar essa atração.

O processo acontece de forma mais intensa a partir dos anos 90. Para tentar driblar a corrida dos torcedores em busca dos canais de esportes das TV's fechadas, o jornalismo esportivo das TV's abertas passa a mostrar além dos fatos diários, curiosidades, e até escândalos de times.

Uma informação a mais pode servir de atrativo para o público e assim a cobertura tornar-se mais envolvente, não ficando limitada apenas a reprodução do jogo. Cada vez mais as grandes redes apostam no trabalho de campo do jornalista para levar o público a entender melhor os fatores que envolvem a partida e elevar a reportagem.

Um matéria bem elaborada vai fazendo a construção da emoção do torcedor, vai contribuindo para aumentar ainda mais a paixão clubística e manter atento o público alvo.

Outro aliado são "as expressões idiomáticas usadas pelo comunicador militante que sempre apresentaram como particularidade relevante o ineditismo de certos vocábulos. "
(CAPINUSSÚ, J.M., 1997, p.15)

Quem atua no rádio ou na TV tem ainda que redobrar a criatividade para preencher 90 minutos de partida com falas que não pareçam repetitivas e prendam a atenção. O uso de expressões idiomáticas diferentes representa o desvio, esse afastamento da linha de conduta típica do jornalismo, na editoria de esportes.

A necessidade de fugir do comum imprimindo um sentido conotativo à expressão verbal leva a esse desvio, mas muitas vezes quanto mais desviante a linguagem, maior o sucesso. A prova de que a descontração e as expressões específicas usadas estão funcionando vem através da incorporação dessa linguagem no cotidiano.

O profissional tem que usar a capacidade de improviso e a irreverência para conquistar a audiência. O juizforano Aílton Flores, o Canarinho, da Rádio Cruzeiro do Sul é tido como o primeiro a usar expressões idiomáticas diferentes para caracterizar momentos das partidas. Raul Longras segue essa tendência para tentar atrair mais público e inventa expressões como “pimba” e “balançou o véu da noiva”.

O jornalismo esportivo criou termos tão importantes que foram copiados por outras editoriais como “estreou no time”, “driblar a crise”, “abrir o jogo” ...

Essa influência das expressões idiomáticas já está tão integrada ao cotidiano que Aurélio Buarque de Holanda incluiu na última edição do seu dicionário noventa e duas expressões peculiares ao linguajar do comunicador esportivo.

Em pesquisa feita para concluir sua tese de doutorado Comunicação e Transgressão no Esporte, José Maurício Capinussú chegou a conclusão de que na Copa de 90, tiveram mais audiência as TV's que mais se aproximavam dessa linguagem desviante. A atuação da imprensa e sua associação a esse linguajar diferenciado é fundamental para manter a emoção do torcedor.

Para Nélson Rodrigues, "um cronista apaixonado havia de retocar o fato, transfigurá-lo, dramatizá-lo. Ora, o jornalista que tem o culto do fato é profissionalmente fadado ao fracasso".

E se em outras editorias a afirmação soaria como uma aberração, uma distorção do que é o jornalismo e logo seria associada a tendência de espetacularização das notícias, no esporte essa transfiguração proposta por Nélson, essa inserção do lirismo nas matérias, é quase uma necessidade de sobrevivência.

Além de fatores que estão muitas vezes ligados a própria competência e habilidade dos repórteres em conseguir en-

xergar além dos fatos corriqueiros e mostrar com um linguagem única o dia a dia dos treinos, outro ponto chave ajudou a televisão a conquistar devotos fiéis: o uso de estatísticas nas transmissões. Esses dados viraram símbolo da excelência jornalística, passaram a ser um fator que aumenta entre os aficcionados do esporte as expectativas em relação ao desempenho, elevando os níveis de emoção.

Principalmente nas coberturas diárias é necessário trazer o lúdico para superar a falta de imprevisibilidade e imponderabilidade, comum nos jogos.

No último capítulo vai ser avaliado qual o limite para toda essa criatividade do repórter. Vão ser analisadas e citadas as opiniões de alguns autores sobre os problemas causados por essa busca excessiva pela audiência e até que ponto descontração acaba tendo efeito contrário e afastando o público.

### 3.2. **A subversão do exercício jornalístico**

Numa época em que a tendência das grandes redes de televisão é espetacularizar os acontecimentos, a conseqüência é que todas as editorias acabam buscando matérias mais criativas ou bombásticas para chamar a atenção do público.

Até por carregar naturalmente essas características, a linguagem esportiva é considerada por muitos como desviante. Esse problema estaria ainda mais atrelado à mídia eletrônica, na qual o profissional está sujeito aos sentimentos do "ao vivo".

O jornalista esportivo já foi muitas vezes protagonista de histórias do futebol. Até porque essa modalidade já foi e é exercida em muitos casos pelos próprios personagens do esporte, como ex-técnicos e ex-atletas.

Mas independente disso, a imprensa esportiva, principalmente em relação ao futebol, sempre apostou em um público que mitifica ídolos e a mídia acabou tendo também a responsabilidade de criar esses ídolos, enxergados como modelos por diversos grupos sociais.

O problema não está nem nessa necessidade mercadológica. A subversão reside no fato do repórter, o jornalista esportivo, muitas vezes deixar de lado o próprio motivo que leva a existência de determinado *craque*, o futebol, para realçar apenas aspectos individuais e fúteis da vida do jogador. Dessa forma esses ídolos são colocados acima do bem e do mal, acima até, da necessidade de jogar para serem tidos e reconhecidos como tal.

São criados grupos específicos de atletas dignos de jogar em cada uma das posições, que de repente se tornam insubstituíveis mesmo num país onde quase toda a população pratica o esporte.

A televisão passa a veicular, de forma muito eficiente para o público, essa possibilidade de mobilidade social. Um grande número de matérias aborda essa relação de ascensão proporcionada pelo esporte. Nas Copas, o sentimento de identificação é ainda mais forte, a Seleção vira país, e meninos vindo de classes sociais mais baixas, que encontraram as oportunidades de suas vidas no futebol, são transformados em heróis.

Essa espetacularização do esporte transformou os jogadores em personagens de primeira página. Como o capitão da seleção do Penta, Cafú, que levou nova esperança aos meninos do Jardim Irene, bairro onde foi criado, e centenas de outros bairros de periferia em todo o Brasil, ao erguer a taça da vitória e ser capa de todos os jornais com a camisa estampada de “100% Jardim Irene”.

Hoje por causa da valorização de temas que nada têm a ver com futebol, como a vida privada dos atletas, o nível de tensão na relação entre eles e a imprensa aumentou. Houve afastamento nas relações entre os ídolos e a mídia.

O próprio ex-jogador Sócrates diz que as crises de relacionamento nos clubes são provas de que existe diferença entre o homem e o personagem. Ele afirma que muitas vezes o jogador tem dificuldade em conviver com esse personagem quando ele deixa de ser motivo de orgulho, nas derrotas ou no fim das carreiras. E lembra que a imagem do jogador vive no imaginário do torcedor e acaba sendo transformado numa figura sobre-humana, sendo duramente criticado quando falha.

O futebol é cheio de representações simbólicas e muitas vezes toma ares de batalha com o campo representando o território, os homens sendo candidatos a heróis e a disputa entre os times refletindo o bem e o mal.

Mas a verdade é que o futebol despertou na narrativa radiofônica essa necessidade de transmitir o jogo como um verdadeiro espetáculo. Por isso já nasceu como tema jornalístico fadado à espetacularização. O exagero dessa necessidade é que constitui a subversão.

Alguns críticos apontam ainda para outro tipo de inversão de valores, causado pela televisão. Hugo Georgetti, comenta na coletânea Futebol: Espetáculo do Século, que "as novas estruturas estão acabando com a paixão e a inconseqüência do futebol". Para ele a exigência exagerada de *profissiona-*

*lismo* no esporte, na verdade, serve apenas para privilegiar os espectadores em detrimento aos torcedores.

Os jogos são programados de acordo com a necessidade de exibição na TV e os campeonatos e suas tabelas são bolados pelo mesmo critério.

Um problema, que acontece de forma mais evidente, por causa da valorização das cotas publicitárias, e principalmente da acirrada concorrência dos clubes pelas cotas de TV.

> Por intermédio da ação de distintos agentes, a lógica de mercado tem dado o tom da modernização em curso no futebol brasileiro. Contudo, como não foram definidos limites e parâmetros para essa metamorfose, as rupturas se tornam mais profundas e imprevisíveis.(MURAD, M. 1999: P.38).

As parcerias entre o esporte e a mídia correm o sério risco de gerar um conflito de interesses na cobertura jornalística e em vários casos as matérias passam a ser feitas de forma a não prejudicar as transações financeiras, como vendas de jogadores e marketing para clubes. As crises saem do noticiário, assim como as falhas do atleta envolvido na negociação.

Alguns jornalistas citam exemplos desses possíveis deslizes da imprensa. Ivan Luchesi, num texto escrito para o site do programa Observatório da Imprensa, lembra que ninguém

comentou na última Copa o fato do Brasil ter ficado num grupo ridiculamente fácil, nem de Armando Marques, mesmo sendo investigado no país por possíveis favorecimentos a clubes, ter sido escolhido vice-presidente da Comissão Mundial de Arbitragem.

Nem tudo são conspirações. Mas mesmo quem acredita que esse tipo de análise é exagerada, reconhece que existe comprometimento por parte de empresas jornalísticas e principalmente jornalistas que, muitas vezes, acabam presos até por contrato a esse ou aquele interesse. Alguns radialistas e apresentadores de TV têm acordos publicitários e se transformam em garotos-propaganda de companhias que querem atrair o público para seus produtos e muitas vezes estão ligadas por patrocínios a algum clube.

Uma prática que começou por causa da própria desvalorização dos profissionais do rádio, que por problemas financeiros passaram a engordar o salário com publicidade. Processo que foi reproduzido na TV e cria uma postura ambígua.

Dessa forma, a imprensa acaba sendo um dos principais incentivadores do comércio do esporte. Ela divulga o futebol quer haja jogo, quer não. Os assuntos não se prendem, só a campo, já que é preciso manter acessa a chama e atrair a

atenção do torcedor para os programas patrocinados, justificando o investimento das empresas.

# 4. QUEM NÃO SONHOU EM SER UM JOGADOR DE FUTEBOL

Os erros mais comuns na tentativa de adaptação à editoria de esportes, os vícios dessa linguagem e as ousadias acertadas devem ser esmiuçadas.

Para isso, nada mais contundente que a observação da prática, da tentativa de acerto e do que motivou o repórter na construção da matéria.

## 4.1. **Bola dentro X Bola fora**

A editoria de esportes muda a visão sobre a formação do profissional no jornalismo. Passa a ser preciso ter conhecimento específico do tema e intimidade com a linguagem e as características peculiares. Mas o mercado hoje exige que o jornalista seja bem informado no contexto e que não se limite a esfera do esporte. Por isso, se é possível fugir a certas regras formais do texto jornalístico ao fazer reportagem esportiva, certos conselhos éticos e de postura profissional, têm que ser mantidos.

Muitas vezes é difícil encontrar um ponto de equilíbrio, porque as coberturas esportivas, mesmo primando pela imparcialidade, são marcadas pela passionalidade dos profis-

sionais envolvidos. Eles se exaltam, mas têm que deixar para trás o lado torcedor. Não podem esquecer da responsabilidade social, apesar de, no jornalismo esportivo, a opinião do repórter ficar mais evidente que em outros ramos. Ousadia que acaba existindo pela própria dinâmica da área.

O repórter fica mais exposto à emoção e à tendenciosidade como qualquer torcedor. O desafio é unir a paixão e a verdade cuidando para que o envolvimento emocional não interfira no trabalho.

Pode ser verificado em muitas matérias jornalísticas que o foco está centrado no elogio ao jogador. É notório também chamar a atenção para suas boas jogadas.

Tendo trabalhado no Rádio, Ary Barroso, é considerado o primeiro jornalista esportivo polêmico, já que torcia descaradamente pelo Flamengo ao narrar um jogo. Segundo Jorge Coury, num depoimento a um Globo Repórter sobre os 50 anos de rádio no Brasil, "ele não dizia falta contra o Flamengo. Ele dizia: falta contra nós". Apesar de toda essa entrega e passionalidade, ele não era considerado um narrador ruim. Seu amor declarado pelo clube era visto com uma dose de folclore e humorismo que lhe tirava peso de estar torcendo descaradamente. Mesmo assim, seu estilo afastava um bom número de torcedores das equipes adversárias que não viam encaravam com

senso de humor essa preferência e se sentiam pessoalmente ultrajados pelos elogios ao Flamengo.

Em Você, ouvinte, é nossa meta, o professor Márcio Guerra cita uma história que presenciou em sua experiência profissional. Um repórter da Rádio Nova Cidade, conhecido como Oliveirinha, na despedida do Zico, no Maracanã, não ouviu o chamado do locutor porque estava com o microfone embaixo do braço aplaudindo o jogador alemão Franz Beckenbauer. Ao ser avisado pelo técnico de som que estava sendo chamado, ele pegou o microfone, chegou perto do alemão e agradeceu no ar ao jogador por tudo que ele já fez pelo futebol.

Esse pode ser considerado um exemplo extremo do envolvimento passional do repórter. Mesmo assim, é mais comum do que se imagina a ligação do jornalista com a situação que deveria noticiar. Essa mistura acontece principalmente nos esportes, nas artes e no show business. Já que muitos também acabam envolvidos pela porção tiete e torcedor, e pelo próprio trabalho de idolatria desenvolvido pela mídia durante anos de suas vidas, quando não eram repórteres.

O problema acontece quando os profissionais não conseguem conter essas porções e manter em mente a necessidade de avaliar o fato além das preferências pessoais.

A briga sobre o nível de envolvimento do profissional com o tema é antiga e nasceu ainda nos primeiros anos do esporte como modalidade jornalística, nas reportagens e crônicas publicadas pelos impressos.

Alguns acreditavam que o jornalismo não deveria ter nenhum tipo de licença poética e teria que ser tratado com a mesma frieza e imparcialidade dos assuntos de outras editorias. Mas, para Nélson Rodrigues, o que dá autoridade ao jornalista esportivo é o acréscimo de imaginação ao fato. O escritor acreditava que seria totalmente possível e necessário contar os assuntos esportivos com o apelo intrínseco ao próprio tema, que prima por temas e personagens olimpianos. Existem, porém, ressalvas que precisam ser feitas.

> Os olimpianos tem como passarela ideal os mundos esportivo, artístico e da moda. E muitas vezes não se aproximam desse mundos só os personagens principais, mas aqueles que gostariam de sê-lo – um dos erros de alguns repórteres – ou que gostariam de tietar mais de perto – outro erro. Mas tem havido um endeusamento excessivo que fazem os observadores duvidar de sua própria capacidade de raciocínio quando percebem algo que fere a lógica (LUCHESI, I. 2002).

Um problema detectado na tentativa de uso da criatividade na retratação do esporte é o chamado *bairrismo* que é avaliado pelos estudiosos como uma das principais falhas do jornalismo esportivo.

O fim da Revolução Paulista em 1933 teria ajudado a criar o *bairrismo*, que se tornou característica marcante, principalmente entre paulistas e cariocas. Além dos times, entrava em campo e na disputa a tradição e a força de cada estado.

As opiniões são divergentes, ainda hoje, quando a questão é o fato do narrador ou repórter esportivo assumir publicamente para qual time torce. Para o apresentador Milton Neves, "quem não torce por algum time não gosta de futebol e não pode trabalhar no jornalismo esportivo". Mas o jornalista Rui Osterman, da Rádio Gaúcha de Porto Alegre, lembra que "o jornalista pode torcer pelo clube de seu coração, mas se em algum momento isso transparecer no seu trabalho vai estar prejudicado".

Hoje em dia as redes de TV tentam corrigir essa possível distorção para evitar a perda de público e exigem uma postura mais sóbria de narradores e repórteres.

Na maioria das vezes é permitido ao profissional se emocionar e passar essa emoção ao público, mas sabendo distinguir paixão de emoção, porque o brasileiro encara a paixão pelo time como motivo para abater o adversário e casos de paixão declarada implicariam em perda de audiência.

As opiniões dos torcedores sobre os profissionais das coberturas esportivas servem para medir a mudança da realidade do jornalismo esportivo. Num tempo em que a Globo tinha mais concorrência e eram comuns as transmissões apaixonadas em outras emissoras, uma pesquisa do Instituto Gallup, de 97, apontou Galvão Bueno, que até hoje não declarou para qual time torce, como o melhor locutor do Brasil com 77,4 % dos votos.

Cinco anos depois, quando a rede Globo passou a ser hegemônica nas transmissões de maior destaque, numa pesquisa do site UOL, durante a Copa, Galvão foi apontado por mais de 50 % dos internautas como um dos fatores mais irritantes da competição ganhando de outras opções como apitos, cornetas, fogos de artifício e excesso de patriotismo.

Em 97, o narrador global disse que era um vendedor de emoções e que acreditava que a autenticidade talvez fosse seu maior segredo, numa entrevista que concedeu ao Jornal do Brasil para comentar a pesquisa do Instituto Gallup. Mas acabou confessando o que pode ter causado, em 2002, a irritação dos internautas.

Ele afirmou que não sabia tratar a seleção brasileira com frieza. Disse que quando a seleção está em campo, falava

com o coração. Postura, que confirmava ser declaradamente de torcedor.

Essa atitude passional, que Galvão Bueno confessa ter com a seleção, é assumida por alguns narradores durante qualquer partida e usada até como estratégia para atrair público pelas emissoras. Ou é possível pensar que não foi uma atitude calculada da Rede Globo de Televisão, usar o próprio Galvão, no Dia dos Pais, para narrar uma corrida de stock car, modalidade disputada pelo filho do locutor, Cacá Bueno?

Na mesma reportagem do Jornal do Brasil sobre a pesquisa do Gallup, Sílvio Luiz afirma: "Aprendi a ser polêmico com Chacrinha. O Velho Guerreiro me ensinou que uma pessoa só se comunica de duas formas: sendo odiada ou idolatrada".

Mas esse padrão não é bem aceito, principalmente em repórteres. Para o editor chefe do Jornal dos Sports, Sérgio Sá Leitão: "O jornalista esportivo deve ser independente e crítico. Deve deixar a paixão e o achismo de lado. Ser um profissional tão aplicado e preparado quanto são os atletas."

O próprio Nicolau Tuma, primeiro a narrar um partida de futebol, já afirmou que: "a fidelidade à ocorrência dos fatos deve ser a tônica do jornalismo esportivo".

Muitas vezes o que acontece é uma concepção equivocada do que seja estilo, como se estilo fosse a linguagem metafó-

rica usada ao extremo, quando na verdade, para a maior parte dos analistas o bom estilo é conciso, claro e correto.

Numa pesquisa feita para a conclusão da tese de doutorado, Comunicação e Transgressão no Esporte, José Maria Capinussú mostra que na Copa de 90, quando Globo, Bandeirantes e Manchete transmitiram os jogos, a Globo foi eleita a melhor pelos entrevistados, com a justificativa de que tinha a melhor imagem, passava os melhores ângulos e tinha narradores e comentaristas mais sóbrios.

No trabalho ele concluiu que na TV a linguagem específica do futebol é bem menos usada porque o comunicador tem que estar acompanhando a imagem e que a Globo seria líder de audiência porque seus comunicadores falam o essencial empregando uma linguagem incapaz de cansar o telespectador.

Já em Lógicas no Futebol, Luíz Henrique Toledo diz que o jornalista esportivo pode estar ligado à 3 tipos de discurso: o se identifica e se afina mais com o domínio do torcedor, incorporando sua imponderabilidade e sua emoção; o que é mais tecnicista e frio, mais comum em ex-jogadores e técnicos que passam a integrar o meio; e o que está mais ligado aos aspectos políticos do futebol dialogando diretamente com as elites do esporte.

Em uma de suas crônicas Armando Nogueira chega a citar de forma dramática o constante conflito que vive como jornalista esportivo: ”A imparcialidade me marca corpo a corpo a vida inteira, querendo arrancar do meu coração o doce espinho de uma sufocada paixão clubística“.

Nos anos 80, a necessidade de maior profissionalismo no esporte fez com que o jornalista viesse a incorporar de modo preponderante em seus discursos uma dimensão mais tecnicista e menos encantada a respeito do futebol

Se até 70 era comum encontrar jornalistas declaradamente apaixonados por seus clubes, hoje eles até revelam preferências, mas tem que mostrar que dominam as paixões.

Toda essa dificuldade é apontada como outro ponto subversivo do jornalismo esportivo por Tomás Mazzoni, jornalista da Gazeta Esportiva, em 1939. Ele alertava para a precariedade logística e um excesso de faccionalismo no futebol que ele chamou de *clubismo*.

O *clubismo* seria essa exacerbação da paixão associada a posição privilegiada que ocupam os jornalistas no trânsito com os dirigentes, ligas ou federações e é identificado como um sistema de favores estabelecido entre setores da imprensa e dirigentes.

> Depois de ter eliminado a imagem de inculto e alienado e vencer o preconceito que havia contra si nas

> redações, esse envolvimento com os dirigentes passou a ser o principal desafio do jornalista esportivo(FONSECA, O., 1981).

Nos anos 60 já houve uma considerável melhora moral e literária no jornalismo esportivo. Na época os jornalistas começaram a ser cobradas para combater a proximidade e subserviência aos dirigentes e foi feita uma reforma do vocabulário com melhor colocação dos adjetivos, que antes eram usados de forma excessiva.

Hoje é pedido ainda que o jornalista esportivo fique atento às outras áreas e não se prenda apenas ao futebol, para que não pegue vícios do vocabulário esportivo, nem perca de vista os próprios limites do jornalismo.

Se nas outras modalidades a maior parte dos erros acontece pela inexperiência ou desconhecimento dos pormenores por parte dos repórteres, no futebol os maiores problemas vem do convívio excessivo e comprometimento com jogadores, técnicos ou dirigentes.

Falando sobre TV, Elias Awad, jornalista e coordenador de cursos de jornalismo esportivo, afirma que "a imagem fala tudo" por isso, para ele, comentaristas, repórteres e locutores têm que ter o cuidado de não virarem meros repetidores.

A dinâmica básica que preside as coberturas diárias dos clubes não foge às regras do jornalismo. São as disputas en-

tre as TV’s pelo singular, o inusitado, pelo furo que fazem o diferencial da melhor cobertura.

Muitas vezes a própria habilidade do cinegrafista, sua integração com o repórter e a pauta é que dão esse diferencial, com a captação de imagens e fatos que estão presentes nesse cotidiano dos treinos, mas fogem a ele. O problema é que alguns repórteres tentam superar a falta de novas e inusitadas imagens ou de fatos singulares com uma criatividade excessiva que beira ao histrionismo e exatamente pela exibição da própria imagem dos fatos relatados os erros e os exageros ficam mais evidentes e até grotescos.

Algumas emissoras usam repórteres setoristas que trabalham sempre com os mesmos clubes, outras fazem rodízios. As duas alternativas podem conter perigos para o profissional. Quem cobre direto estabelece maior relação com as fontes, mas por outro lado, o rodízio não alimenta vícios e nem aliena o jornalista.

Estratégias performáticas e adoção de um estilo é que vão fazer o diferencial para o repórter e são valorizados pelas emissoras, desde que se encaixem em suas linhas editoriais. Quem enxerga acontecimentos periféricos além da pauta consegue engrandecer as coberturas diaristas. Sem interferên-

cia criativa dos repórteres essas coberturas seriam uma série de entrevistas repetitivas.

Mas o processo de "enxugamento" das redações muitas vezes compromete esse trabalho e a criatividade do jornalista, que tem menos tempo para dar um tratamento lúdico a matéria.

O estilo do repórter é construído de acordo com sua própria personalidade, a obrigação de usar certas expressões ou técnicas corporais e a performance em cima da linha editorial da empresa.

Mas é preciso associar tudo isso a uma dose generosa de bom senso. Um exemplo da conjugação mal dosada desses fatores que aparece em Lógicas no Futebol, de Luís Henrique de Toledo, é o jornalista Roberto Avallone. De acordo o autor, Avallone, que é diretor do programa Mesa Redonda – Futebol e Debate, da TV Gazeta, era reconhecido pela excelência dos textos que escrevia para o Jornal da Tarde, mas ao mudar radicalmente de estilo, apostando no papel de apresentador de TV com um postura exagerada, jogou fora seu prestígio, exatamente porque deixou para trás a polidez que o caracterizava. Segundo Toledo, seus trejeitos o descredenciaram.

Estilos mais jocosos podem ser perigosos para repórteres quando mal administrados. O uso de recurso retóricos de forma excessiva também não convence.

Já nas transmissões ao vivo o repórter atua de forma mais discreta, ele ajuda a enriquecer a narrativa, sem ser o responsável por ela. A reportagem é um trunfo para a transmissão podendo acrescentar dados e informações interessantes quando a partida estiver cansativa. O repórter tem que colher e confirmar as informações periféricas e como está em campo, capta sinais e instruções táticas que passariam despercebidas sem sua presença.

O jornalista pode ainda perceber e transmitir ao telespectador as emoções do torcedor presente nos estádios, que servem como um termômetro para a partida.

Durante as Copas acontece uma maior desorganização de papéis. Jogadores em atividade são chamados para serem comentaristas, locutores investem num estilo mais torcedor e ufanista e as emissoras fazem apostas em novos ou variados estilos para atrair mais público. Por isso, a seguir vai ser feita uma análise de caso de matérias exibidas nesse período, no programa Esporte Espetacular, da Rede Globo.

## 4.2. **Quando é Espetacular**

O programa Esporte Espetacular, é veiculado aos domingos e faz um apanhado de todos os eventos importantes do esporte ao longo da semana.

Foram analisadas seis edições da atração, exibidas antes, durante e depois da Copa do Mundo.

Foi possível notar que no período da competição o tema central das matérias era o próprio evento (Copa do Mundo). As exceções ficavam por conta de quadros que parecem ser patrocinados, como o Auto-Esporte (que abria todos os programas e tratava de novidades automobilísticas) e provas de atletismo, ou pelos resultados da Fórmula UM, que é exibida antes do próprio Esporte Espetacular.

Em geral, a atração foi dividida em três blocos, com mais de 15 matérias ou quadros relacionados à Copa para cerca de 4 ou 5 que não faziam nenhuma associação ao Campeonato Mundial de Futebol.

Daqui por diante vão ser descritos os textos das matérias escolhidas para análise e no fim de cada uma delas vai ser feito um breve comentário. Depois das descrições vai haver uma avaliação geral das distorções presentes em cada uma (levando em conta o padrão mais formal do jornalismo diário) e seus efeitos negativos e positivos.

Os programas foram todos apresentados pela jornalista Milena Ceribelli e pela ex-body-boarder Glenda Konslovski. Na Copa a Globo montou uma equipe de cobertura com mais de 7 repórteres especiais divididos entre Coréia e Japão, muitos de-

les, correspondentes internacionais destacados exclusivamente para a missão.

**Reportagem de Renato Ribeiro – feita na Malásia**

**Cabeça / Milena:** São só 5 dias para a estréia da Copa e 8 para estréia do Brasil. Não dá para perder tempo, hein, Felipão...

**Glenda:** Pois é, não dá não, Milena. Então vamos, sem perder tempo aqui também, num piscar de olhos para o Oriente. Fala Tino Marcos.

**Tino Marcos: faz uma espécie de abertura da matéria, que é de outro repórter, Renato Ribeiro –** Palácio dos Cavalos Dourados. O nome é tão pomposo quanto o próprio hotel em que a seleção se hospedou aqui em Kuala Lumpur. Foram 7 dias de trabalho na Malásia. Deu tudo certo, mas havia algo de ...desagradável no ar. **(ele puxa a camisa, dando a entender o calor)** não é não, Renato Ribeiro?

**OFF 1:** Uma cidade moderna. Avenidas largas. Prédios gigantescos. Um milhão e meio de habitantes. A maioria é muçulmana.

**PASSAGEM:** A principal característica de Kuala Lumpur felizmente você, que está em casa, não pode perceber. O calor. Porque aqui é quente **(pega um lenço e passa na testa)** muito quente, insuportável.

**OFF 2:** 34 graus. 90 por cento de umidade relativa do ar. Um inferno. A sensação térmica é de mais de 40 graus o dia inteiro. Nos 5 dias de treino, só um em dois turnos. Foi goleada. Calor 10, jogadores 0.

**SONORA** com Cafú: ”Tô suando até agora. Sem dúvida o calor aqui é tremendo porque é bastante úmido. Isso faz com que você sue mais.

**OFF 3:** Só mesmo Vampeta para usar calça...

**SONORA** com Vampeta: “Eu não gosto de treinar com o meião alto. E o Felipão exige que todo mundo venha com o meião alto e caneleira. É por isso que eu treino de calça.”

**OFF 4:** Ronaldinho também enfrentou o calor de calça, mas em outro gramado. No golfe ele tem pinta de craque, mas ainda falta para ser fenômeno.

**SONORA** com Ronaldinho: “Meu jogo é futebol, mas aqui eu gosto porque é um esporte que relaxa. Dá para dar uma caminhada, dá uma suada.”

**OFF 5:** E qual será o time da Copa? No calor da Malásia as dicas ficaram mais quentes. Quentíssimas. Kléberson saiu da geladeira e incendiou a briga por uma vaga no meio desbancando Vampeta e Gilberto Silva. Na zaga Edmílson recuperou a vaga no time titular. Anderson Polga foi para a reserva. Na Malásia as dúvidas sobre Rivaldo esfriaram. Ele treinou normal-

mente. Está prontinho para Copa. E em Kuala Lumpur até o calor humano é grande... Não, eles não querem comprar Ronaldinho Gaúcho. Até porque ele vale muito mais do que um *Ringuette (moeda da Malásia)*, cerca de 70 centavos de Real. Eles querem o autógrafo no dinheiro mesmo. Que certamente passará a ser mais valorizado depois da assinatura dele. E olha que fã mais ousado **(imagens de uma fã dando um beijo no rosto do jogador)**. É como a gente vem dizendo... Na Malásia tudo é mais quente. E assim foi a semana de aquecimento do Brasil para a Copa do Mundo.

**SOBE SOM:** Imagens de Edílson e Luizão dando tchau e depois imagens e sons de malasianos dando tchau e dizendo "bye Brasil."

Essa matéria já foge dos padrões ao usar a inteferência de um segundo repórter (Tino Marcos) que faz uma espécie de abertura ou segunda-cabeça.

Além de detalhar o treino e as dificuldades dos jogadores com o calor, o repórter Renato Ribeiro consegue condensar no texto o possível time a ser escalado pelo técnico na primeira partida (acabando com algumas dúvidas dos torcedores) e fatos engraçados, como o detalhe de Vampeta treinar de calça e do torcedor ter beijado o rosto de Ronaldinho Gaúcho.

Renato consegue compilar fatores diversos que poderiam constituir até matérias distintas em um só texto, sem ser cansativo ou desconexo.

Na passagem ele também usa de maior descontração ao secar o rosto com um lenço para exemplificar o calor, mesmo assim, não parece excessivamente inserido no contexto, já que não está absurdamente suado ou desalinhado, nem passa uma imagem falsa ou fica deslocado.

Além disso, o repórter utiliza metáforas na construção do texto, usando, por exemplo, a contraposição entre esquentar e esfriar.

**Reportagem de Fernando Rocha – feita no Rio de Janeiro**

**Cabeça/Milena:** Uma pecinha mínima no vestuário pode fazer toda a diferença na sua Copa do Mundo.

**Glenda:** É isso mesmo Milena. O repórter Fernando Rocha saiu pelo comércio procurando essa tal pecinha e encontrou muito, muito mais.

**ABERTURA: (repórter no meio da chuva)** Chove, chove, chove muito; é verdade. Mesmo assim a equipe do Esporte Espetacular, no centro do Rio, veio descobrir nessa época de Copa do Mundo o que é que vende, o que é que existe ...**(o repórter**

**anda no meio de uma rua e uma voz fala alguma coisa ao fundo)** grita, fala: **(e ele se vira para um homem que está quieto)** calor, né? Mas enfim, e descobrir também uma pequena peça, uma misteriosa peça...

**SONORA** com um camelô que repete rápido um slogan de venda

**IMAGENS** de uma mulher carregando um coqueiro verde e amarelo

**SONORA** com a mulher: **(repórter):**"Comprou um coqueiro para a Copa do Mundo? Vai curtir a Copa num coqueiro? Esse coqueiro dá coco?" **(mulher):** "Dá coco e dá banana." **(repórter)** "Serve de guarda-chuva também, né?"

**SONORA** com um homem que carrega com um rolo de tecido **- (repórter):**"É pano para fazer bandeira?" **(homem)**"Bandana." **(repórter):** "Mas é para uma cabeça muito grande..."

**SOBE SOM** de um brinquedo tipo megafone que toca o hino

**CORTA** para o repórter perguntado em uma loja: "Tem capa aí? Guarda-Chuva?"

**CORTA** para ele indo atrás de um homem.

**SONORA** dele com o homem: "Oi, dá uma carona no guarda-chuva? O senhor tá comprando o que aí do Brasil?" **(homem):**"Cangas" **(repórter):**"Que beleza. O senhor vai ficar bem de canga. As vezes tem um modelo que sirva no senhor."

**CORTA** para imagens de um outro homem com cangas na cabeça: **(repórter):**"É a Jade do Brasil. E a dancinha? A dança do ventre." **(homem com cangas):**"Ah, a dança não pode."

**SOBE SOM** num camelô dizendo "Vem que tem"

**CORTA** para o repórter indo atrás de uma menina. – **(repórter):** "Você disse que usa calcinha do Brasil? **(mulher)** Acho que uma loja ali, que vende lingerie talvez tenha..."

**SONORA** com um homem : "Eu acho que é ali"

**SONORA** com a vendedora da loja: **(repórter):** "Como é que usa essa calça? Usa assim...normal, né?" **(vendedora):** É usa normal.

**CORTA** para o repórter perguntando a uma outra mulher na rua: "Tem alguma sombrinha do Brasil"

**CORTA** para ele em frente a uma loja de fantasia: "É a Jade vestida de Copa do Mundo." "Cadê a Jade da Copa?"

**CORTA** para o repórter pegando véus e pedindo a um homem: "Senhor, só para ver, só para ver..." (e coloca na cabeça do homem) "Que beleza".

**CORTA** para o repórter em outra loja: "A cueca do Brasil." (imagens de um homem puxando o elástico da cueca com a boca) "Calma!"

**SONORA** com um casal com uma câmera – **(repórter):** "Vocês tão procurando, tão filmando aí, o que?" **(mulher):** " A genta tá

procurando calcinhas de Brasil” **(repórter):** “Eu também, mas debaixo dessa chuva...” (e aponta para frente e sai andando) “Olha lá. Só tem uma? Eu acho que sim. A calcinha da Copa. Dá licença.” (olha para a vendedora) “A calcinha é uma calcinha comportada ou é daquelas mais assim, bem... **(vendedora)**”Bem safada”

**CORTA** para o repórter balançado a calcinha na mão: “A calcinha”

**SONORA** com um mulher de sombrinha amarela: **(repórter)**”A senhora encontrou a sombrinha da Copa que eu tô procurando há muito tempo. Onde a senhora comprou? **(mulher):**”Ganhei de presente” **(repórter):**”Quanto é que a senhora vende? Então fica de presente, muito obrigado, muito agradecido.

**REPÓRTER** vira para a câmera: “Ganhei uma sombrinha de presente. Tava procurando. Tava precisando. Muito obrigado. Té mais. Tchau.”

A matéria de Fernando Rocha foge totalmente dos padrões. Tem um ritmo frenético de videoclipe e é como se fosse “ao vivo” , apesar da edição ficar clara nos cortes freqüentes. Não prima pelo assunto jornalístico, mas tenta atrair a atenção do público pelo lado cômico. O repórter exagera nas

brincadeiras com as pessoas nas ruas e parece perdido quanto ao tema da reportagem.

A cabeça chama para uma peça pequena, que faz a diferença. Mas o repórter parece dividido entre escolher a calcinha ou a sombrinha como personagem principal do trabalho.

Ele mostra alguns acessórios estranhos sendo vendidos com tema de Copa do Mundo, mas centra seu esforço em fazer rir e acaba usando tiradas repetidas, como falar de Jade ao se referir ao homem com o lenço na cabeça e a boneca da loja de fantasias.

De informativo a matéria tem poucos aspectos, mostrando apenas a diversidade de materiais e o interesse de várias pessoas nos objetos que evocam a Copa.

**Reportagem de Tino Marcos – feita na Coréia**

**A matéria não tem cabeça. Depois do término de outra matéria sobre Copa começa direto com o repórter.**

**ABERTURA:** Esse é o companheiro que está sempre atrás da câmera quando eu estou na frente dela. Álvaro Santana. Chegamos juntos à quarta Copa do Mundo. E ele essa semana viveu uma situação muito interessante. Principalmente para quem não tem o que se pode chamar de "um corpinho atlético".

**OFF 1:** Correndo...10 quilos de câmera na mão.

**SOBE SOM:** uma voz dizendo "O Alvinho vai cair com a câmera"

**OFF 2:** Não é para menos. Durante quase uma hora ele perseguiu os pés de quem corria levinho...quer dizer, carregando os 96 quilos que adquiriu ao longo dos anos.

**SOBE SOM:** Imagens de Felipão, Antônio Lopes e Murtosa com o som da corrida e das risadas.

**OFF 3:** Alvinho. Vítima das travessuras de Felipão, Antônio Lopes e Murtosa.

**SOBE SOM:** Mais risadas

**OFF 4:** Sempre que ele se aproximava a turminha corria um pouco mais...

**SOBE SOM:** Risadas e passos mais rápidos

**OFF 5:** Felipão escondido atrás de um ponto de ônibus. Caminhando e brincando...

**SOBE SOM:** Voz de Felipão: "Vou passar em cima de ti de novo."

**OFF 6:** Câmera no chão, eles aceleram. Resolvem pular.

**SOBE SOM:** Vozes do trio: "Pula, pula..."

**OFF 7:** Álvaro Santana. Que raça, hein.

**SOBE SOM:** Vozes do trio: "É preciso ter raça, hein."

**OFF 8:** Corre para encontrar bons ângulos. Uma imagem das bandeiras brasileiras a espera da passagem do trio frenético. Ângulos para mostrar brasileiros e coreanos juntos. Você aí

não pode ver o nosso Álvaro, suado, exausto. Mas Felipão via. E acabou reconhecendo a façanha do câmera corredor.

**SOBE SOM:** Felipão:"Tá bem, tá bem."

Nessa matéria, o repórter aproveita um acontecimento inesperado como tema. A brincadeira, feita pelo técnico e os auxiliares com o câmera, é usada para retratar um pouco do bom humor da comissão técnica e dos bastidores da Copa.

A reportagem já começa de forma diferenciada, sem ter sido chamada pelos apresentadores, já que não tem cabeça. E a boa construção do repórter que une o texto e os sobe sons dá a dimensão divertida do acontecimento ao torcedor.

**Reportagem de Carlos Gil –feita no Rio de Janeiro**

**Cabeça/Milena:** Primo pobre, primo rico. Os grupos da Copa misturam realidades tão diferentes que, às vezes, parece que dois mundos estão em campo.

**OFF 1:** São 32 países. Trinta e duas realidades. Números que traduzem uma Copa de contrastes. Logo no primeiro jogo o encontro entre metrópole e ex-colônia provou que no esporte o mais poderoso nem sempre vence. França 0, Senegal 1. Além do Senegal outros 10 países que estão na Copa são considerados em desenvolvimento pela ONU. O popular Terceiro Mundo.

**OFF 2:** O país mais rico do mundo não compra talento. No máximo os Estados Unidos podem ser uma zebra.

**OFF 3:** A Argentina, praticamente falida, é uma das principais favoritas ao título. Assim como o Brasil, que não é nenhum exemplo de igualdade social e prosperidade econômica.

**OFF 4:** Os números também são curiosos. Os da Eslovênia, bem modestos. País agrícola, tem a menor renda per capita entre os europeus. Tem também o menor território entre todos os participantes, e a menor população. Não chega a 2 milhões de habitantes.

**PASSAGEM:** (Repórter em estúdio, em frente a um mapa) Mas território e população nem sempre são proporcionais. O Japão tem 130 milhões de habitantes. A Rússia, maior país do mundo tem 145 milhões. Uma diferença pequena se levarmos em conta que o território japonês é 45 vezes menor que o russo. Vai ter japonês assim na China.

**OFF 5:** Pensando bem, é melhor não. A China já convive com um bilhão e 300 milhões de habitantes.

**ARTE:** (Globo terrestre dividido em dois) No total são quase 3 bilhões de torcedores. Praticamente metade da população da Terra acompanhando uma seleção na Copa.

**OFF 6:** Povos diferentes, realidades diferentes. Primos ricos e primos pobres. Primos? Por que não irmãos? O esporte tem dessas coisas, une sem discriminar.

Essa é uma reportagem mais formal. Que segue regras básicas de construção, sem abertura ou encerramento, com cabeça, off's e passagem.

Carlos Gil faz uma construção técnica de texto, usando muitos dados para exemplificar as diferenças. Não é uma matéria que exagere na criatividade, até usa alguns chavões (Primo Pobre X Primo Rico), mas também não peca pelo excesso de ornamentos e metáforas.

Como traz muitas referências numéricas que estão mal organizadas pode confundir o telespectador.

**Reportagem de Ernesto Paglia – feita na Coréia**

**Cabeça/Glenda:** Se o Brasil passar pela Bélgica... se o Brasil passar pela Inglaterra, a seleção pode enfrentar nas semifinais o Senegal. Tudo bem, eu sei, eu sei que se não ganha jogo, mas não custa nada ficar de olhos bem abertos no jogo dos africanos que fizeram um jogão hoje contra a Suécia, pelas oitavas de final da Copa.

**OFF 1:** No futebol existem dois estilos de jogo. O frio, calculista e até um pouco feio, e o bonito. A Suécia é um time frio. O Senegal joga bonito. Mas o feio acaba se tornando belo quando o resultado é o gol. *Neuber* cobra escanteio e *Larsson* desvia. 1 X 0 Suécia.

**OFF 2:** Segue o jogo. O que é feio continua como é. E o que é bonito, fica bonito de dar dó. Dó por esse pênalti sofrido por *Diouf* e não marcado pelo paraguaio *Ubaldo Aquino*. Dó por esse gol anulado. *Recourdiof* estava mesmo impedido. Dó pelos gols perdidos... Mas o estilo bonito também merece recompensa. E ela vem através de uma jogada linda. *Henry Camarrat* mata no peito, ajeita, com um drible só, se livra de dois suecos e chuta. A justiça é feita e o jogo está empatado.

**OFF 3:** Os suecos desperdiçam chances. Os africanos também. E os dois times seguem abraçados para a prorrogação. Nesse momento fica claro que vale mais a vontade e tudo se confunde. Quem faz a jogada bonita é *Svencen* e manda uma bomba na trave.

**OFF 4:** A morte súbita não assusta os craques. Veja essa jogada genial de *Diouf*. Ele joga a bola entre as pernas do zagueiro mas chuta torto para fora.

**OFF 5:** Qual seria a melhor forma de terminar essa história? Certamente com um golaço. *Camarrat* mais uma vez limpa a jogada e chuta sem defesa. Os africanos dançam a vitória da arte. **ENCERRAMENTO: (repórter no meio da torcida senegalesa que comemora a vitória)** O Senegal é a primeira seleção africana a chegar as quartas de final da Copa do Mundo logo na sua estréia no Mundial. E agora a continuidade dessa gente aqui na Copa do Mundo depende da próxima partida que será contra o vitorioso de Japão e Turquia. **(Um torcedor senegalês se abraça ao repórter ele conversa com ele em outra língua e termina dizendo que a final será contra o Brasil, o que o torcedor confirma).**

Esse é um caso típico de transcrição de partida, mas que foge ao comum. Ao invés de narrar os gols e os lances mais importantes do jogo, o repórter transforma o jogo numa batalha entre o futebol técnico e o futebol arte.

Apesar de ficar claro ao longo da matéria a sua preferência pela maestria exibida pelos senegaleses, ele não deixa de reconhecer e citar os erros da seleção africana.

Aqui, Ernesto Paglia dá um exemplo genuíno da maior liberdade de interferência que tem o repórter esportivo sobre a matéria.

O público busca uma opinião que não seja tendenciosa a ponto de mascarar a realidade e que possa ser confirmada pelas imagens exibidas.

O encerramento, prática pouco usada no jornalismo diário, também dá um diferencial a matéria, que tem uma sentido poético, mas nem por isso deixa de fazer referência aos fatos jornalísticos ou se torna incoerente.

Observando as cinco reportagens avaliadas temos exemplos claros da capacidade dos repórteres de redimensionar fatos que poderiam passar despercebidos pelos telespectadores; de dar criatividade e tornar interessantes temas que poderiam ser corriqueiros e cansativos; de executar com correção, ainda que sem maior brilho a pauta; ou até tornar confuso, desconexo e sem sentido o assunto proposto.

Algumas características peculiares do jornalismo esportivo, comentadas no capítulo anterior, também ficam evidentes. É possível notar a maior interferência opinativa do repórter; a liberdade formal na construção da matéria; o uso exagerado das metáforas e até a supervalorização do riso para tentar atrair o público.

## 5. CONCLUSÃO

Apesar da exaltação da vertente espetacular do jornalismo esportivo e da briga insana por audiência que leva as emissoras a apostarem em padrões de qualidade duvidosos, é possível observar que a editoria de esportes, quando bem executada, pode trazer agradáveis e até poéticas surpresas ao telespectador.

Pela pesquisa ficou evidenciado que alguns dos exageros cometidos na TV são ainda fruto de uma herança mal administrada do rádio. Muitos profissionais esquecem que não é possível forçar a emoção nos torcedores se a imagem que acompanha a narrativa não for correspondente. Mas também existem problemas gerados pelo próprio submetimento financeiro das emissoras aos patrocinadores do clubes.

Conforme o observado, a idolatria exagerada aos jogadores e a pressão das emissoras até sobre os horários dos campeonatos, muitas vezes, ajudam a tirar o brilho das competições.

Foi possível ver ainda que existem problemas já crônicos na construção das matérias que interferem na qualidade do produto levado ao telespectador.

O *clubismo*, o *bairrismo*, e a busca desenfreada do repórter por um estilo marcante, uma personalidade que se destaque no mercado, acabam dificultando a compreensão correta do conteúdo jornalístico.

Ficou evidente que muito antes de ser necessária a criatividade nessa editoria, é preciso fugir dos exageros criativos.

Está ainda demonstrado, através da avaliação das reportagens, que é preciso seriedade e responsabilidade no trabalho dos repórteres para que daí desabroche a capacidade criativa e de entretenimento.

Além disso, foi observado que essa diferenciação na construção do texto jornalístico na TV não é só um fato, como acaba sendo necessária para atender o nível de exigência do público. Porque se o factual, as surpresas contidas no dia-a-dia já são suficientes para prender a atenção dos espectadores, no esporte é preciso "mexer" com emoção do torcedor e tomar cuidado com suas suscetibilidades.

## 6. BIBLIOGRAFIA


1) CAPELLANO, Renata. O Torcedor de Futebol e a Imprensa Especializada. Juiz de Fora: FACOM, UFJF, 2.sem.1999, fl.mimeo,Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

2) CAPINUSSÚ, José Maurício. Comunicação e Transgressão no Esporte. São Paulo: IBRASA, 1997.

3) CARRANO, Paulo César Rodrigues (coord). Paixão e política.
Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2000.

4) CAMARGO, Vera Lúcia Regina. Elementos para uma concepção da cultura de massa. In:Futebol: o espetáculo do século. Rio de Janeiro: Ed. MUSA, 1999__

5) COSTA, Andréia C. Barros. Bate-Bola com a crônica - O fu tebol, o jornalismo e a literatura brasileira. Juiz de Fora: FACOM, UFJF, 1.sem.2001, Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

6) FERNANDEZ, Maria do Carmo. Futebol, fenômeno lingüístico. Rio de Janeiro: Ed. Documentario, 1974

7) GEORGETTI, HUGO. Arte e Futebol. In:Futebol: o espetáculo do século. Rio de Janeiro: Ed. MUSA,1999

8) GUEIROS, Pedro Motta. Os donos da bola. Caderno Supertv - Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, agosto de1997

9) GUERRA, MÁRCIO. Você, ouvinte, é nossa meta. Rio de Já neiro: Ed. ETC, 2002.

10) LUCHESI, Ivan. O jornalismo esportivo e os ídolos de barro. www.observatoriodaimprensa.com.br

11) MALULY, Luciano Vitor Barros. Ética & Comunicação. Revista de estudos sobre comunicação, jornalismo e propaganda. FIAM, São Paulo, 2000.

12) MORIN, Edgar. Cultura de Massas no Século XX. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1990

13) MURAD, Maurício. In:Futebol e Cinema no Brasil. In:Futebol: o espetáculo do século. Rio de Janeiro: Ed. MUSA,1999

14) POZZI, Luiz Fernando. Futebol Empresa. In:Futebol: o espetáculo do século. Rio de Janeiro: Ed. MUSA, 1999

15) RODRIGUES, Rúbia Mazzini. PLACAR: Futebol, Sexo e Rock&Roll – Análise e histórico da revista do futebol. Juiz de Fora: FACOM, UFJF, 2.sem.1997, Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

16) SILVA, Deonísio. Futebol bem comportado. www.observatório daimprensa.com.br

17)SÓCRATES. O dilema entre o personagem e o homem. In:Fute-bol:o espetáculo do século. Rio de Janeiro: Ed. MUSA,1999

18)TOLEDO, Luíz Henrique. Lógicas no Futebol. São Paulo: HUCITEC, FAPESP, 2002

DOMINGUES, Érika Gimenes Alvarenga. Bola na trave não altera o placar. Juiz de Fora: UFJF, FACOM, 1. sem. 2002, 61 fl.impre. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

Banca Examinadora:

_____

Professor Kléber Ramos
Relator

_____

Professor Carlos Pernisa Júnior
Convidado

_____

Professor Márcio de Oliveira Guerra
Orientador Acadêmico

Examinado o projeto experimental:

Conceito:

Em: